

EXPLAIN ME THIS: RESENHA SOBRE A OBRA DE ADELE GOLDBERG (2019)

EXPLAIN ME THIS: REVIEW ON ADELE GOLDBERG'S BOOK (2019)

Roberto de Freitas Junior¹, Karen Sampaio Braga Alonso², Manuela Correa de Oliveira³

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil
robertofrei@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6237-1040>

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
karensampaio@letras.ufrj.br
<http://orcid.org/0000-0002-7853-0015>

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil
manuela.correa@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5215-4683>

Recebido em 1 ago. 2020

Aceito em 12 ago. 2020

GOLDBERG, A. **Explain me this**: creativity, competition, and the partial productivity of constructions. New Jersey: Princeton University Press, 2019.

O percurso teórico-metodológico de base construcional sobre a natureza cognitiva e o funcionamento da linguagem humana fundamenta o trabalho desenvolvido por Adele Goldberg na obra de 2019, *Explain Me This: Creativity, Competition, and the Partial Productivity of Constructions*, aqui resenhada. Nesse percurso, a autora apresenta uma discussão acerca de aspectos cognitivos e comunicativos relacionados ao conhecimento linguístico, que espelham sua trajetória de investigação e pesquisa, atualizada, aqui, em uma discussão sobre o papel da frequência, da distribuição estatística dos dados e sobre a forma como processos cognitivos organizam o conhecimento linguístico seja em primeira, seja em segunda língua.

A autora ratifica nessa obra seu posicionamento acerca da abordagem construcional baseada no uso, já apresentada em seu trabalho de 2006, trazendo à baila, agora, uma discussão mais específica sobre o que ela denomina como *Explain-me-this puzzle*, uma referência direta à intrigante questão sobre como falantes nativos reconhecem que determinadas construções, embora aparentemente possíveis na sua língua, nunca são usadas. Isso ocorre, ainda que assumamos que falantes são muitas vezes criativos em relação à forma como combinam construções

de diferentes níveis de complexidade. Ainda, uma construção como *explain me this*, repelida por falantes nativos do inglês, tem grandes chances de ser aceita por falantes não nativos, menos sujeitos a efeitos de frequência de uso.

A autora se propõe a discutir o fato de que o uso de determinadas expressões linguísticas, emergentes de contextos comunicativos específicos, estão mais disponíveis, enquanto outras, que apresentam convergência sintática e/ou semântica com demais formas na língua, são menos usuais ou, até mesmo, nunca ocorrem.

Para desenvolver a discussão sobre a aceitabilidade de usos linguísticos, a autora apresenta o anagrama da língua inglesa CENCE ME¹ para representar, ao longo dos oito capítulos do livro, a sua visão construcional baseada no uso, desenvolvendo uma reflexão sobre *o que sabemos quando sabemos uma língua*. Assim, para cada letra do anagrama, a autora associa um conceito importante. Na ordem alfabética sugerida em CENCE ME, a autora ratifica a noção de **C**onstrução, pareamento forma-sentido, como a unidade mínima de representação cognitiva da linguagem, de **E**xpressividade e **E**ficiência, como fatores que explicam o sucesso comunicativo de uso convencionalizado da língua, do papel da informatividade, do maior ou menor grau de **N**ovidade/pressuposição relacionado aos itens, da **C**ompetição dos itens ao longo da produção e processamento da gramática, e o da **M**emória, à luz da teoria dos exemplares, e sua possibilidade de armazenamento de itens e de sua vasta gama de detalhes, que, pelos processos cognitivos de indução e categorização, formam representações mais abstratas, mais gerais e que captam os traços mais representativos dos exemplares constituidores na sua formação. Tais representações, generalizações resultantes do agrupamento desses exemplares, formam-se no espaço conceptual hiper-dimensional (*hyper-dimensional conceptual space*), definido pela pesquisadora como um amplo domínio cognitivo de representação da linguagem.

O que Goldberg (2019) classifica como o *Explain-me-this puzzle* ilustra essa discussão. Apesar de sua formação sintática congruente com a de outras expressões da língua inglesa, a sentença em questão não seria produzida por um falante nativo dessa língua, o que demonstra que tal familiaridade com outras formações sintáticas ditransitivas não é o que determinará sua aceitabilidade por

¹ A autora ressalta que a pronúncia do anagrama é *sense me*, fazendo referência à eficácia da comunicação derivada do papel dos princípios ali apresentados.

parte dos falantes nativos do inglês (por exemplo, embora *tell me this* seja uma sentença possível no inglês, *explain me this*, com um verbo de mesma natureza semântica é rejeitada por falantes nativos). A diferença existente entre uma maior ou menor aceitabilidade desses dados estaria relacionada a fatores ligados à competição entre construções, que poderiam estar sob uma mesma categoria de veiculação de sentido, mas que serão escolhidas a depender da forma como a experiência com a língua determinará seu aprendizado (aquisição).

Nesse sentido, essa diferença demonstra o comportamento distinto sobre a forma como a gramática, o *constructicon*, emerge ao longo do processo de aquisição da L1 ou da L2. Para a autora, o fator que mais está relacionado a tal diferença de aceitabilidade de usos é o que ela denomina preempção estatística: o efeito de bloqueio de uma determinada construção apresentado pelo nativo de uma língua, diante da seleção outra construção frequentemente utilizada para a mesma função comunicativa. Ao longo de seu processo de aquisição, o nativo de uma L1 *aprende* quais são as construções convencionalizadas por sua comunidade linguística para transmitir determinada informação, a produzir efeitos de sentido em determinado contexto comunicativo e que construções podem estar em competição, o que significa que determinados pareamentos se tornam mais convencionais na língua e mais facilmente recrutados para o discurso, processo denominado pela autora de conservadorismo via *entrenchment* (consolidação). A exposição robusta de dados do *input* produz o efeito de preempção estatística sobre o qual trata a autora: via evidência positiva e negativa dos dados oriundos do *input*, o aprendiz de uma L1, através, também, do processo de aprendizagem orientada pelo erro (*error-driven learning*), aos poucos cria expectativas sobre como os itens da língua, as construções, se combinam entre si, de modo a produzir sentidos específicos.

Diferentemente, o aprendiz de uma L2 usufrui menos da interpretação estatística referente à distribuição dos dados da L2, na medida em que o conhecimento linguístico de sua L1, de alto grau de consolidação cognitiva, irá interferir nos efeitos de preempção estatística, ao enviesar o processo de aprendizagem orientada pelo erro, como defende a autora. O desafio, assim, de adquirir uma L2, torna-se cognitivamente mais custoso do que o de adquirir uma L1, apesar de diversos estudos empíricos, criteriosamente apresentados e comentados ao longo da obra, demonstrarem que as crianças levam mais tempo para

depreender os traços de similaridades e diferenças entre exemplares candidatos a formar uma abstração, ou seja, uma construção, quando comparadas com adultos. Apesar dessa aparente desvantagem das crianças em relação aos adultos, a de serem mais conservadoras para produzirem generalizações, as crianças serão mais suscetíveis aos efeitos da aprendizagem orientada pelo erro e da preempção estatística, de modo a se tornarem mais eficazes que adultos na função de desenvolverem uma gramática representativa daquela de um falante nativo de uma língua.

A habilidade de processar um item como membro de uma dada categoria aponta para o conceito de cobertura (*coverage*), apresentado pela autora na obra e que faz referência direta aos modelos baseados em exemplares, a partir de uma triangulação que leva em conta similaridade, variabilidade e frequência dos itens previamente testemunhados de uma dada categoria. O entendimento, assim, do *Explain-me-this puzzle*, é enfatizado, fundamentalmente, na presente obra, por esses dois conceitos: o de preempção estatística, e sua relação com a discussão sobre competição de construções, e o de cobertura, e sua relação com a forma como formamos construções, a partir da experiência com o uso da língua. Esses fatores são desdobrados na obra com foco em uma explicação da própria formação da gramática, do *constructicon*, uma rede conceptual de pareamentos forma-sentido.

Como dito, a obra é dividida em 8 capítulos, que são apresentados de forma a permitir ao leitor fácil entendimento sobre os novos conceitos levantados na obra. Após a introdução, em que a autora apresenta de antemão os princípios CENCE ME e seus objetivos principais com a obra, decorrem-se sete capítulos que abordam mais detalhadamente os pontos supracitados.

No capítulo 2 e 3, respectivamente *Word Meanings and Constructions as Invitations to Form Categories*, a autora mostra como palavras e construções sintáticas apresentam comportamentos semelhantes, enquanto itens da língua, e destaca como formamos categorias, fazemos supergeneralizações, restringimos usos e as organizamos no *constructicon* por suas similaridades formais e/ou de sentido.

Nos capítulos 4 e 5, *Creativity: Coverage Is Key and Competition: Statistical Preemption*, a autora desenvolve os conceitos de preempção estatística e cobertura, apresentando uma série de estudos e pressupostos teóricos que suportam sua visão

e que servirão, no capítulo 6, *Age and Accessibility Effects*, para explicação de como acontece a aquisição de uma L1 e de uma L2 e suas suscetibilidades aos efeitos da idade e da aprendizagem orientada pelo erro.

No capítulo 7, *The roads not taken*, a autora apresenta outras abordagens teóricas, como a de Yang (2016), Stefanowitsch (2008) e Ambridge (2013). A partir deles, abordam-se questões como o papel da frequência de uso ou de possíveis princípios que determinam maior ou menor conservadorismo no uso de construções, bem como a questão da competição entre construções. A autora demonstra não convergir com as ideias apresentadas de cada autor, argumentando a favor da sua visão de gramática das construções baseada no uso e consequente viabilidade de que representações sejam psicologicamente mais realísticas.

No capítulo 8, *Where we are and what lies ahead*, por fim, Goldberg revisita o conteúdo desenvolvido em cada capítulo do livro e discute a necessidade de que as investigações no âmbito da Gramática das Construções sejam encaminhadas para novas áreas de atuação e destaca sua intenção de ter apresentado um trabalho de linguagem acessível a professores, alunos e pesquisadores que leve em consideração o que já sabemos sobre questões relativas à memória, à habilidade de categorização e sobre aprendizagem – o que ela cumpre com louvor. Também se preocupa sobre como tais aspectos podem contribuir para o entendimento do uso comunicativamente eficaz da linguagem. Na verdade, a contribuição da autora foi para além de apresentar uma leitura simples sobre conceitos complexos referentes à relação entre linguagem e cognição. Sua maior contribuição foi a de proporcionar um olhar sistematizado sobre questões caras aos modelos gramaticais baseados no uso, como a interação da ação dos processos cognitivos de domínio geral, como a analogia e a categorização, e sua relação com o papel da frequência e distribuição dos dados do *input*, seja no curso da aquisição da L1, seja no da L2. Recomendamos a leitura.

Sobre os autores

Roberto de Freitas Junior

Doutor em Linguística pela UFRJ. Graduado em Português-Inglês pela UFRJ, com especialização em Língua Inglesa pela PUC-RJ e Mestrado pela UFRJ. Diretor Adjunto de Cultura e Extensão da FL/UFRJ; Membro do Colegiado de Extensão da FL/UFRJ; Professor Adjunto de Estudos Linguísticos do Dpto de Letras-Libras/UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da FFP/UERJ. Interessado em estudos sobre a representação cognitiva, como L1 e L2, do PB, da LIBRAS e do Inglês, com ênfase na interface estrutura argumental/informacional e à luz da Gramática das Construções Baseada no Uso (GCBU). Coordenador do Núcleo de Estudos Sobre InterlínguaS (NEIS/UFRJ) e professor pesquisador do grupo Discurso & Gramática (D&G/UFRJ).

Karen Sampaio Braga Alonso

Doutora em Linguística pela UFRJ. Possui graduação em Português-Literaturas e Mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Realizou Pós-doutorado (visiting scholar), na Universidade da Califórnia (Berkeley). Coordenadora do Grupo Discurso & gramática-UFRJ. Professora Adjunta do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ. Docente do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. Docente do Mestrado Profissional em Letras da UFRJ (PROFLETRAS, disciplina: Gramática, variação e ensino). Substituta Eventual do Diretor de Cultura e Extensão da Faculdade de Letras da UFRJ.

Manuela Correa de Oliveira

Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concluiu Mestrado pela mesma instituição (2014), bem como sua dupla-graduação: Bacharelado (2010) e Licenciatura em Letras (2011), ambos na habilitação Português-Inglês. Desde 2007, atua como professora de língua inglesa no Rio de Janeiro e é examinadora de provas orais de proficiência inglesa. Atualmente efetiva na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), atua como professora assistente de língua inglesa no Instituto de Aplicação da universidade. Tem experiência na área de ensino de língua inglesa, uso de construções clivadas, tradução e variação em phrasal verbs transitivos. Seus interesses de pesquisa incluem: processos de gramaticalização, gramática de construções, linguística cognitiva e processos de mudança, variação, tradução, posicionamento de partículas em phrasal verbs e estudos comparativos.